

7.3.5. Diagnóstico da Área de Influência Indireta (AII) - Fauna

7.3.5.1. Descrição Geral

Mesmo considerando todos os avanços da Ciência, é extremamente difícil dizer com exatidão o número de espécies de fauna que ocorre em uma determinada região e até mesmo em um fragmento florestal. O conhecimento atual sobre a diversidade biológica do planeta é extremamente escasso (Wilson, 1997). O Estado de São Paulo apresenta grande número de estudos e bons registros relacionados às espécies de fauna silvestre. Apesar deste fato, ainda há carência de estudos referentes aos levantamentos faunísticos. A cobertura vegetal do Estado tem sido muito reduzida, resultando em *habitats* fragmentados, alterados pelo desmatamento e queimadas, incidindo diretamente na diversidade faunística.

Com a intensa fragmentação das florestas, ocorrem grandes chances de diminuição das populações de espécies de plantas e animais mais vulneráveis, isolando ainda aquelas que permanecem nas “ilhas” remanescentes de florestas. O processo de extinção é inevitável, o qual está sendo acelerado pelo Homem, em função do rápido desenvolvimento urbano sem terem sido observadas, muitas das vezes, as medidas adequadas à proteção das espécies da biota.

Quando a vegetação é fragmentada, vários processos ecológicos que envolvem a fauna e a flora são afetados: ocorre instabilidade de populações, comunidades e ecossistemas (Cairns, 1988); populações de algumas espécies podem aumentar, declinar ou serem eliminadas inteiramente, como consequência direta das mudanças do *habitat* (Lovejoy *et al.* 1986).

Com os isolamentos e diminuições em relação ao tamanho dos fragmentos, ocorre uma interferência na composição das comunidades levando à extinção espécies de baixas densidades e espécies do topo da cadeia trófica, como por exemplo, os carnívoros (onças, jaguatiricas, etc). Deste modo, os estudos de viabilidade de populações e monitoramento de reservas devem ser feitos em espécies chaves com base em estudos de autoecologia e dinâmica entre fragmentos (Gilbert, 1980, Soulé, 1987). Considerando-se que mamíferos são bons indicadores do estado de conservação em que um sistema biológico se encontra (Soulé & Wilcox, 1980), monitoramentos contínuos das populações destas áreas, tornam-se necessários para se avaliar os impactos das perturbações sobre a diversidade e abundância das espécies (Cerqueira *et al.*, 1995) O grupo de aves, sempre é o mais representativo nos levantamentos de fauna, por se adaptarem mais facilmente às formações de vegetações.

O fato da Serra do Japi ter sido decretada área protegida por diversos instrumentos legais (CONDEPHAAT, APA e Reserva Biológica), possibilitou interrupção do processo de degradação que normalmente ocorre em áreas ainda florestadas, resultando em riqueza faunística na região, conforme será descrito a seguir, ocorrendo muitas espécies ameaçadas de extinção e endêmicas da Mata Atlântica. Nesta região foram catalogadas 800 espécies de borboletas de todos os tamanhos e cores, muitas encontradas apenas no verão e outono, oriundas da Serra do Mar e Serra da Mantiqueira e até da Amazônia e Andes. Muitas destas espécies são endêmicas à região de domínio da Mata Atlântica. Cerca de 40% delas já foram identificadas na Serra do Mar e Mantiqueira, constituindo-se em domínio biológico de grande importância na herança genética das florestas neotropicais (Brown-Jr, in

Morelatto, 1992). Foram igualmente catalogadas espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

No caso dos anfíbios, foram identificadas 30 espécies (sapos, rãs e pererecas), incluindo um sapo que não era conhecido na Serra do Japi, registrado como endêmico no Parque Estadual de Itatiaia. Isso demonstra, claramente, que a fauna da área tem forte influência de elementos que também ocorrem na Serra da Mantiqueira. Esses pequenos e venenosos anfíbios de 2 cm só ocorrem na Serra do Japi em épocas úmidas e frias. Há uma outra espécie de sapo, o *Proceratophrys*, que ocorre no folhiço da Serra. Tem a boca imensa, alimenta-se de outros anfíbios e fica totalmente camuflado no solo. Partes destas espécies são comuns às Serras da Mantiqueira e do Mar, além de regiões adjacentes pertencentes ao Conjunto da Serra do Japi. Foi estudada igualmente a distribuição das espécies que vivem no chão da mata, verificando-se a influência, da altitude e da distância em relação a corpos d'água, sobre esses anfíbios.

Através de estudos foram identificadas 19 espécies de serpentes, lagartos e anfisbena (cobra-cega). O encontro de espécies típicas de áreas abertas - como a cascavel - em áreas fechadas, pode ser indicativo de alterações do ambiente devido à ação antrópica. As serpentes têm papel importante na regulação de roedores e como predadores chamados de "topo", em determinados pontos. Uma cobra venenosa tem vários componentes de seu veneno que são usados como matéria-prima para medicamentos, como por exemplo, para o tratamento cardíaco, pois atuam como controladores da pressão.

No que respeita às aves, foram catalogadas 240 espécies. Algumas dessas espécies são também encontradas na Floresta Atlântica da Serra do Mar, na Serra da Mantiqueira e nas matas semidecíduas do interior paulista, o que é mais um indicativo da condição ecotonal da área. No entanto, há espécies de grande interesse científico no Conjunto da Serra do Japi, quer seja pela falta de informações a seu respeito, ou pelo fato de estarem ameaçadas em outras regiões ou ainda por constituírem bons indicadores de perturbação, o que reforça a necessidade de estudos mais aprofundados.

Em pesquisas referentes à mastofauna foram registradas 44 espécies. Os levantamentos têm base na ocorrência de espécies em regiões adjacentes e no fato de que as áreas mais altas da Serra do Japi não foram amostradas. Esse número é provavelmente muito inferior à verdadeira riqueza de mamíferos do local que, estima-se, poderia quase dobrar em número com a realização de levantamentos mais detalhados. Estudos de médio e longo prazo sobre as populações de mamíferos do Conjunto da Serra do Japi terão a função de fornecer subsídios para o diagnóstico e para o monitoramento destas áreas. A presença de predadores como a espécie *Leopardus pardalis* (jaguaritica) e a *Puma concolor* (onça-parda), além de espécies endêmicas da Mata Atlântica, faz do Conjunto da Serra do Japi uma das mais importantes áreas em termos conservacionistas do Estado de São Paulo.

As listagens a seguir apresentam informações de ocorrência confirmada de espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos, através de levantamento bibliográfico de trabalhos realizados na AII.

7.3.5.2. Listagem da Fauna Silvestre de Ocorrência na AI

Quadro 7.3.5.2.1. - Lista de Anfíbios AI

Família	Nome Científico	Nome Popular
Brachycephalidae	<i>Brachycephalus ephippium</i>	botão-de-ouro, pingo-de-ouro
Bufonidae	<i>Bufo crucifer</i>	sapo
Bufonidae	<i>Bufo ictericus</i>	sapo, cururu
Centrolenidae	<i>Centrolenella cf. eurygnatha</i>	rã-de-vidro
Hylidae	<i>Hyla albopunctata</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla arildae</i>	perereca-verde
Hylidae	<i>Hyla bischoffi</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla faber</i>	sapo-ferreiro, sapo-martelo
Hylidae	<i>Hyla leucopygia</i>	perereca-verde
Hylidae	<i>Hyla luctuosa</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla minuta</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla prasina</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla sanborni</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla sp. (aff. circumdata)</i>	perereca
Hylidae	<i>Phasmahyla cochraniae</i>	perereca-de-folhagem
Hylidae	<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca-de-folhagem
Hylidae	<i>Scinax fuscovaria</i>	perereca-do-banheiro
Hylidae	<i>Scinax hayii</i>	perereca
Hylidae	<i>Scinax hiemalis</i>	perereca-do-inverno
Leptodactylidae	<i>Crossodactylus sp.</i>	rãzinha-do-riacho
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	rã-da-mata
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus guentheri</i>	rãzinha
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus juipoca</i>	rãzinha-capim
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus parvus</i>	rãzinha
Leptodactylidae	<i>Hylodes cf. ornatus</i>	rã-das-cachoeiras
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus cf. ocellatus</i>	rã-manteiga, rã-mirim
Leptodactylidae	<i>Odontophrynus americanus</i>	sapinho
Leptodactylidae	<i>Physalaemus cuvieri</i>	foi-não-foi, rã-cachorro
Leptodactylidae	<i>Proceratophrys boiei</i>	sapo-de-chifre, sapo-folha
Microhylidae	<i>Elachistocleis ovale</i>	sapo-guarda

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 – SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 – MMA.

Quadro 7.3.5.2.2. - Lista de Répteis AI

Família	Nome Científico	Nome Popular
Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena alba</i>	cobra-cega
Colubridae	<i>Chironius bicarinatus</i>	cobra-cipó
Colubridae	<i>Chironius exoletus</i>	cobra-cipó
Colubridae	<i>Dipsas bucephala</i>	dormideira, jararaca
Colubridae	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	coral, cobra-coral
Colubridae	<i>Liophis miliaris</i>	cobra-d'água
Colubridae	<i>Oxyrhopus guibei</i>	cobra-coral
Colubridae	<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-verde
Colubridae	<i>Philodryas patagoniensis</i>	parelheira
Colubridae	<i>Rhadinaea affinis</i>	cobra-da-madeira
Colubridae	<i>Spilotes pullatus</i>	caninana
Colubridae	<i>Xenodon neuwiedii</i>	boipeva
Gymnophthalmidae	<i>Pantodactylus schreibersii</i>	lagarto
Polychridae	<i>Enyalius iheringii</i>	camaleão
Polychridae	<i>Urostrophus vaultieri</i>	lagarto
Scincidae	<i>Mabuya frenata</i>	lagartixa
Teiidae	<i>Tupinambis teguixin</i>	teiú, lagarto
Viperidae	<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca
Viperidae	<i>Crotalus durissus</i>	cascavel

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 – SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 – MMA.

Quadro 7.3.5.2.3. - Lista de Aves All

Família	Nome Científico	Nome Popular
Accipitridae	<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-caçador-bicolor
Accipitridae	<i>Buteo albicaudatus</i>	curucuturi
Accipitridae	<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta
Accipitridae	<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira
Accipitridae	<i>Ictinea plumbea</i>	gavião-sauveiro
Accipitridae	<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó
Accipitridae	<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pegá-macaco (*)
Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê
Anatidae	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	ananaí
Apodidae	<i>Chaetura andrei</i>	taperá
Apodidae	<i>Cypseloides fumigatus</i>	taperuçu-cinza
Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i>	andorinhão-de-coleira-branca
Aramidae	<i>Aramus guarauna</i>	carão
Ardeidae	<i>Ardea cocoi</i>	socó-grande
Ardeidae	<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira
Ardeidae	<i>Butorides striatus</i>	socozinho
Ardeidae	<i>Casmerodius albus</i>	garça-branca-grande
Ardeidae	<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena
Ardeidae	<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira
Bucconidae	<i>Malacoptila striata</i>	joão-barbudo
Bucconidae	<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo
Caprimulgidae	<i>Caprimulgus parvulus</i>	bacurau-claro
Caprimulgidae	<i>Hydropsalis brasiliensis</i>	bacurau-tesoura
Caprimulgidae	<i>Nyctidromus albicollis</i>	curiango
Cariamidae	<i>Cariama cristata</i>	seriema
Cathartidae	<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	urubu-comum
Cathartidae	<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei (*)
Charadriidae	<i>Venellus chilensis</i>	quero-quero
Ciconiidae	<i>Ciconia maguari</i>	maguari, joão-grande
Columbidae	<i>Columba cayennensis</i>	pomba-galega
Columbidae	<i>Columba livia</i>	pombo-doméstico
Columbidae	<i>Columba picazuro</i>	pombão, asa-branca
Columbidae	<i>Columba plumbea</i>	pomba-amargosa
Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha
Columbidae	<i>Geotrygon montana</i>	juriti-vermelha
Columbidae	<i>Geotrygon violacea</i>	juriti-piranga (*)
Columbidae	<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira
Columbidae	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti
Columbidae	<i>Zenaidura macroura</i>	avoante
Corvidae	<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-de-crista-negra
Corvidae	<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-de-topete
Cotingidae	<i>Phibalura flavirostris</i>	tesourinha
Cotingidae	<i>Platypsaris rufus</i>	caneleiro
Cotingidae	<i>Procnias nudicollis</i>	araponga
Cotingidae	<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó, pavão-do-mato (*)
Cotingidae	<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco
Cracidae	<i>Penelope superciliosa</i>	jacupemba
Cuculidae	<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto
Cuculidae	<i>Guiraca caerulea</i>	anu-branco
Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato
Cuculidae	<i>Tapera naevia</i>	saci
Dendrocolaptidae	<i>Lepidocolaptes fuscus</i>	arapaçu-rajado
Dendrocolaptidae	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde
Emberizidae	<i>Agelaius cyanopus</i>	dorémi-preto
Emberizidae	<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo-verdadeiro
Emberizidae	<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo
Emberizidae	<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-do-mato
Emberizidae	<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula
Emberizidae	<i>Basileuterus flaveolus</i>	mariquita-amarela
Emberizidae	<i>Basileuterus hypoleucos</i>	mariquita-de-peito-branco

Família	Nome Científico	Nome Popular
Emberizidae	<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	mariquita-de-sombrancelhas-brancas
Emberizidae	<i>Coereba flaveola</i>	sebinho, cambacica
Emberizidae	<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho
Emberizidae	<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei
Emberizidae	<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul
Emberizidae	<i>Emberizoides herbicola</i>	tibirro
Emberizidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	fi-fi-verdadeiro
Emberizidae	<i>Euphonia musica</i>	gaturamo-rei
Emberizidae	<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro
Emberizidae	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra
Emberizidae	<i>Habia rubica</i>	tiê-da-mata
Emberizidae	<i>Haplospiza unicolor</i>	catatau
Emberizidae	<i>Parula pitiayumi</i>	mariquita
Emberizidae	<i>Pipraeidae melanonota</i>	saíra-sapucaia
Emberizidae	<i>Piranga flava</i>	sanhaço-de-fogo
Emberizidae	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo
Emberizidae	<i>Saltator similis</i>	tempera-viola
Emberizidae	<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho, papa-capim
Emberizidae	<i>Stephanophorus diadematus</i>	sanhaço-frade
Emberizidae	<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto
Emberizidae	<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarelo
Emberizidae	<i>Tangara desmaresti</i>	saíra-verde-dourado
Emberizidae	<i>Thraupis cyanopectus</i>	sanhaço-de-encontro-azul
Emberizidae	<i>Thraupis ornata</i>	sanhaço-cinza
Emberizidae	<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro
Emberizidae	<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço-cinza
Emberizidae	<i>Tlypopsis sordida</i>	saíra-canário
Emberizidae	<i>Trichothraupis melanops</i>	tiê-de-espelho
Emberizidae	<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu
Emberizidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico
Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre
Falconidae	<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira
Falconidae	<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri
Falconidae	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã
Falconidae	<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-mateiro
Falconidae	<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro
Falconidae	<i>Polyborus plancus</i>	caracará
Thamnophilidae	<i>Batara cinerea</i>	matraca
Thamnophilidae	<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente
Thamnophilidae	<i>Drymophila ferruginea</i>	trovoada
Thamnophilidae	<i>Drymophila malura</i>	formigueiro-de-cauda-preta
Thamnophilidae	<i>Drymophila rubicollis</i>	choquinha
Thamnophilidae	<i>Dysithamnus mentalis</i>	choca olivácea
Thamnophilidae	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	asas-vermelhas
Thamnophilidae	<i>Hypodaleus guttatus</i>	chocão-pontilhado
Thamnophilidae	<i>Mackenziaena leachii</i>	borralha-de-cauda-comprida
Thamnophilidae	<i>Mackenziaena severa</i>	borralha
Thamnophilidae	<i>Myrmotherula gularis</i>	formigueiro-estrelado
Thamnophilidae	<i>Pyrglena leucoptera</i>	olho-de-fogo
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choquinha
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus doliatus</i>	choca-barrada
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus punctatus</i>	choca-pintalgada
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-coroa-vermelha
Fringillidae	<i>Myospiza humeralis</i>	tico-tico-de-campo
Fringillidae	<i>Carduelis magellanicus</i>	pintassilgo
Furnariidae	<i>Anabazenops fuscus</i>	trepador-coleiro
Furnariidae	<i>Automolus leucophthalmus</i>	limpa-folha-olho-branco
Furnariidae	<i>Certhiopsis cinnamomea</i>	marrequito-do-brejo
Furnariidae	<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim
Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro
Furnariidae	<i>Lochmias nematura</i>	capitão-da-porcária
Furnariidae	<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	joão-botina
Furnariidae	<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha

Família	Nome Científico	Nome Popular
Furnariidae	<i>Synallaxis albescent</i>	bentererê
Furnariidae	<i>Synallaxis cinerascens</i>	bentererê-de-peito-cinza
Furnariidae	<i>Synallaxis frontalis</i>	crispim
Furnariidae	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	joão-teneném
Furnariidae	<i>Synallaxis spixi</i>	turucuê
Furnariidae	<i>Xenops rutilans</i>	caçador-de-arvore-estriado
Hirundinidae	<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa
Hirundinidae	<i>Phaeoprogne tapera</i>	andorinha-do-campo
Hirundinidae	<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande
Hirundinidae	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serrador
Hirundinidae	<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	sombrancelhas-brancas
Jacaniidae	<i>Jacana jacana</i>	jaçaná
Mimidae	<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo, arrebita-rabo
Turdidae	<i>Platycichla flavipes</i>	sabiá-una
Turdidae	<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira
Turdidae	<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-pardo
Turdidae	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-branco
Turdidae	<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira
Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua
Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	pardal
Phalacrocorax	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá
Anhingiidae	<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga
Picidae	<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho
Picidae	<i>Celeus flavescens</i>	joão-velho
Picidae	<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo
Picidae	<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado
Picidae	<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca
Picidae	<i>Melanerpes candidus</i>	birro
Picidae	<i>Picumnus cirratus</i>	pica-pau-anão-barrado
Picidae	<i>Picumnus temminckii</i>	picapauzinho-de-pescoço-castanho
Picidae	<i>Veniliornis spilogaster</i>	pica-pau-verde-carijó
Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará
Pipridae	<i>Manacus manacus</i>	rendeira
Pipridae	<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu
Pipridae	<i>Schiffornis virescens</i>	flautim
Psittacidae	<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-verde
Psittacidae	<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim
Psittacidae	<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca
Rallidae	<i>Aramides cajanea</i>	saracura-três-potes
Rallidae	<i>Porzana albicollis</i>	saracura-sanã-carijó
Rallidae	<i>Rallus nigricans</i>	saracura-sanã
Ramphastidae	<i>Ramphastos toco</i>	tucano, tucanuçu
Strigidae	<i>Otus choliba</i>	corujinha-do-mato
Strigidae	<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	murucutu-pequena
Strigidae	<i>Rhinoptynx clamator</i>	coruja-orelhuda
Strigidae	<i>Speotyto cunicularia</i>	coruja-buraqueira
Thraupidae	<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo
Thraupidae	<i>Trichothraupis ruficapilla</i>	saira-de-cabeça-castanha
Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	inambu-guaçu
Tinamidae	<i>Crypturellus parvirostris</i>	inambu-xororó
Tinamidae	<i>Crypturellus tataupa</i>	inambu-xintã
Tinamidae	<i>Nothura maculosa</i>	codorna-comum
Trochilidae	<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde
Trochilidae	<i>Amazilia lactea</i>	beija-flor-verde-peito-azul
Trochilidae	<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-verde-furta-cor
Trochilidae	<i>Calliphlox amethystina</i>	besourinho-ametista
Trochilidae	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	beija-flor-de-bico-vermelho
Trochilidae	<i>Colibri serrirostris</i>	orelhudo
Trochilidae	<i>Eupetomena macroura</i>	tesourão
Trochilidae	<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-papo-branco
Trochilidae	<i>Lophornis chalybea</i>	topetinho-escuro
Trochilidae	<i>Melanotrochilus fuscus</i>	beija-flor-preto
Trochilidae	<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-mata

Família	Nome Científico	Nome Popular
Trochilidae	<i>Phaethornis pretei</i>	rabo-branco-limpa-casa
Trochilidae	<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-verde
Troglodytidae	<i>Donacobius atricapillus</i>	japacamim
Troglodytidae	<i>Troglodytes aedon</i>	corruíra
Tyrannidae	<i>Arundinicola leucocephala</i>	viuvinha
Tyrannidae	<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha
Tyrannidae	<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho
Tyrannidae	<i>Colonia colonus</i>	viúva
Tyrannidae	<i>Contopus cinereus</i>	papa-mosca-fuliginoso
Tyrannidae	<i>Elaenia flavogaster</i>	cucurutado
Tyrannidae	<i>Elaenia mesoleuca</i>	tucão
Tyrannidae	<i>Elaenia obscura</i>	guaracava
Tyrannidae	<i>Empidonax euleri</i>	papa-mosca-pardo
Tyrannidae	<i>Empidonax varius</i>	mosqueteiro-listrado
Tyrannidae	<i>Gubernates yetapa</i>	tesoura-do-brejo
Tyrannidae	<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha
Tyrannidae	<i>Hemitriccus orbitatus</i>	tiririzinho-da-mata
Tyrannidae	<i>Hirundinea ferruginea</i>	joão-pires
Tyrannidae	<i>Idioptilon nidipendulum</i>	sebinho-pendura-ninho
Tyrannidae	<i>Idioptilon orbitatum</i>	sebinho-de-olho-anelado
Tyrannidae	<i>Knipolegus cyanirostris</i>	maria-preta-de-bico-azulado
Tyrannidae	<i>Knipolegus lophotes</i>	maria-preta-de-penhacho
Tyrannidae	<i>Lafrotriccus eulophotes</i>	tiririzinho-do-mato
Tyrannidae	<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata
Tyrannidae	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	papa-mosca-de-capuz
Tyrannidae	<i>Machetornis rixosus</i>	bem-te-vi-do-gado
Tyrannidae	<i>Megarynchus pitangua</i>	bem-te-vi-de-bico-chato
Tyrannidae	<i>Muscipira vetula</i>	papa-mosca-cinza
Tyrannidae	<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira
Tyrannidae	<i>Myiarchus swainsoni</i>	irre
Tyrannidae	<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado
Tyrannidae	<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe
Tyrannidae	<i>Myiornis auricularis</i>	sebinho-de-orelhas
Tyrannidae	<i>Myiozetetes similis</i>	mosqueteiro-de-topete-vermelho
Tyrannidae	<i>Pachyrhamphus polychropterus</i>	asa-branca
Tyrannidae	<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolinho
Tyrannidae	<i>Pipromorpha rufiventris</i>	abre-asas-de-barriga-vermelha
Tyrannidae	<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi
Tyrannidae	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	bico-chato-de-crista-amarela
Tyrannidae	<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno
Tyrannidae	<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho
Tyrannidae	<i>Todirostrum cinereum</i>	sebinho-relógio
Tyrannidae	<i>Todirostrum plumbeiceps</i>	sebinho-de-face-ocre
Tyrannidae	<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque
Tyrannidae	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	mosqueteiro-oliváceo
Tyrannidae	<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri
Tyrannidae	<i>Tyrannus savana</i>	tesoura
Tyrannidae	<i>Xolmis velata</i>	noivinha-branca
Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	suindara
Rallidae	<i>Gallinula chloropus</i>	frango-d'água-comum
Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari
Vireonidae	<i>Hylophilus poicilotis</i>	juruvira-de-coroa-castanha
Vireonidae	<i>Vireo olivaceus</i>	juruvira

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 – SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 – MMA.

Quadro 7.3.5.2.4. - Lista de Mamíferos All

Família	Nome Científico	Nome Popular
Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelhas-brancas
Didelphidae	<i>Didelphis aurita</i>	gambá-de-orelhas-pretas
Didelphidae	<i>Philander opossum</i>	cuíca, cuíca-de-quatro-olhos
Dasyopodidae	<i>Dasyops novencinctus</i>	tatu-galinha
Atelidae	<i>Alouatta guariba</i>	bugio (*)
Callithrichidae	<i>Callithrix aurita</i>	sagüi-da-serra-escuro (*) (**)
Callithrichidae	<i>Callithrix penicillata</i>	sagüi-de-tufos-pretos (*)
Cebidae	<i>Callicebus nigrifrons</i>	sauá (*)
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	quati
Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada (*)
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	irara
Mustelidae	<i>Galictis jacus</i>	furão
Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i>	lontra (*)
Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaritica (*) (**)
Felidae	<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno (*) (**)
Felidae	<i>Puma concolor</i>	onça-parda (*) (**)
Felidae	<i>Panthera onca</i>	onça-pintada (*) (**)
Cervidae	<i>Mazama americana</i>	veado-mateiro
Cervidae	<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-catingueiro
Tayassuidae	<i>Tayassu tajacu</i>	cateto, catitu
Sciuridae	<i>Sciurus ingrami</i>	serelepe, caxinguelê
Cricetidae	<i>Akodon sp.</i>	rato-do-campo
Muridae	<i>Bolomys lasiurus</i>	rato-do-mato
Muridae	<i>Mus musculus</i>	camundongo
Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i>	ratão-do-banhado
Erethizontidae	<i>Coendou villosus</i>	ouriço-cacheiro
Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	preá
Hydrochaeridae	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	capivara
Agoutidae	<i>Agouti paca</i>	paca (*)
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarea</i>	cutia (*)
Leporidae	<i>Lepus capensis</i>	lebre-européia
Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti
Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	morcego
Molossidae	<i>Tadarida brasiliensis</i>	morcegozinho-das-casas
Phyllostomidae	<i>Anoura caudifera</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Artibeus lituratus</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Artibeus planirostris</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Carollia perspicillata</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Chiroderma doriae</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Desmodus rotundus</i>	vampiro comum
Phyllostomidae	<i>Phatyrhinus lineatus</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Sturmira lilium</i>	morcego
Vespertilionidae	<i>Myotis nigricans</i>	morcego-borboleta

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 - SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 - MMA.

Resumidamente, apresenta-se a seguir o número de espécies da fauna silvestre de ocorrência na All:

- 30 espécies de anfíbios, distribuídas em 06 Famílias;
- 19 espécies de répteis, distribuídas em 07 Famílias;
- 240 espécies de aves, distribuídas em 45 Famílias;

- 44 espécies de mamíferos, distribuídas em 23 Famílias.

A All é uma região muito rica em relação à fauna e, conseqüentemente, à flora, em função de preservação do local, pese a incidência de incêndios florestais, cortes ilegais de sua vegetação e caça predatória, que apesar da legislação existente e de sua fiscalização, ainda ocorrem infelizmente.

7.3.6. Diagnóstico da Área de Influência Direta (AID) - Fauna

7.3.6.1. Descrição Geral

Na AID foi possível identificar quatro fragmentos de mata (vide **Figura 7.3.3.1**), sendo que o fragmento A3.4 é o único que tem conectividade com a ADA. Os fragmentos A3.1, A3.2 e A3.3, não possuem uma boa conectividade, pois estão situados entre barreiras físicas, formadas por bairros e avenidas.

A intensa fragmentação do ambiente florestal e a conseqüente alteração e eliminação dos *habitats*, associada ao efeito de borda dos fragmentos de mata, certamente acarretou efeitos danosos às comunidades animais, modificando as populações naturais. De um modo geral, espécies mais generalistas se aproveitam da situação fragmentária, aumentando sua densidade. Por outro lado, espécies confinadas a zonas de alimentação estreitas (especialistas) sentem mais a perturbação já que são dependentes de *habitats* mais estáveis. Na AID as áreas remanescentes estão envolvidas por forte antropização (estradas, áreas urbanizadas, propriedades rurais, entre outros).

Essas barreiras físicas acabam atingindo fortemente a fauna silvestre e, na seqüência, a extinção acaba sendo inevitável, mesmo que seja um processo natural. Atualmente, a extinção encontra-se mais acelerada por ações antrópicas. Alguns problemas são visíveis, interferindo na extinção das espécies, como por exemplo: a destruição dos *habitats*, isolamento dos fragmentos de mata, poluição do ar, águas e solos, o atropelamento de animais silvestres nas estradas e a caça predatória, ainda presente na região.

A fauna silvestre presente nos fragmentos de mata e nos diversos *habitats* da AID é um pouco compatível com a que ocorre na ADA, o que já difere da All que é bem mais diversificada e rica.

Nestas paisagens muito fragmentadas, destacam-se as espécies generalistas, com maior capacidade de explorar recursos variados, possuindo, portanto, maior possibilidade de explorar o entorno do fragmento de mata. Contudo, a utilização do entorno está diretamente relacionada à composição da paisagem, no que se refere ao número, tamanho e forma dos fragmentos, bem como a presença de fragmentos maiores e preservados, que possibilitam uma maior diversidade de espécies. Especificamente para a AID, não existem áreas remanescentes da vegetação original em estágio avançado de regeneração, mas, mosaicos compostos por vegetação secundária em estágios médio e inicial de regeneração, conforme descrito anteriormente.

A fauna consegue transitar pela AID utilizando-se dos fragmentos de mata, dos pastos abandonados e dos reflorestamentos de eucaliptos. Estes fragmentos na paisagem regional são considerados os prováveis refúgios para a fauna existente na região e, portanto, importantes para preservação.

7.3.6.2. Listagem da Fauna Silvestre de Ocorrência na AID

Através de levantamentos bibliográficos e de trabalhos realizados em campo, a fauna encontrada na AID é relativamente compatível com a da ADA. Dentre as espécies identificadas, destacam-se as seguintes:

- **Mamíferos:** *Cerdocyon thous* (cachorro-do-mato), *Galictis cuja* (furão), *Procyon cancrivorus* (guaxinim), *Mazama gouazoubira* (veado-catingueiro), *Alouatta guariba* (bugio), *Callithrix penicillata* (sagüi-de-tufos-pretos), *Dasypus novemcinctus* (tatu-galinha), *Hydrochaeris hydrochaeris* (capivara), *Coendou villosus* (ouriço-cacheiro), *Agouti paca* (paca), *Myocastor coypus* (rato-do-banhado), *Sciurus ingrami* (serelepe), *Sylvilagus brasiliensis* (tapeti), entre outras;
- **Aves:** *Buteo brachyurus* (gavião-branco-de-cauda-curta), *Falco femoralis* (falcão-de-coleira), *Syrigma sibilatrix* (maria-faceira), *Tigrisoma lineatum* (socó-boi), *Ceryle torquata* (martim-pescador-grande), *Rallus nigricans* (saracura-sanã), *Penelope supercilialis* (jacupemba), *Ramphastos toco* (tucano), *Sittasomus griseicapillus* (arapaçu-verde), *Amazona amazonica* (papagaio-galego), *Tinamus solitarius* (macuco), *Thamnophilus caerulescens* (choca-da-mata), *Saltator similis* (trinca-ferro-verdadeiro), *Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira), *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi), *Muscivora tyrannus* (tesoura), *Thraupis sayaca* (sanhaço-cinza), entre outras;
- **Répteis:** *Hydromedusa tectifera* (cágado-cabeça-de-cobra), *Tupinambis teguixim* (teiú), *Enyalius iheringii* (camaleão), *Erythrolamprus* sp. (cobra-coral), *Spilotes pullatus* (caninana), *Micrurus lemniscatus* (coral-verdadeira), *Crotalus durissus* (cascavel), *Bothrops alternatus* (urutu), *Bothrops jararaca* (jararaca), *Bothrops jararacussu* (jaracuçu), entre outras;
- **Anfíbios:** *Brachycephalus ephippium* (pingo-de-ouro), *Bufo ictericus* (sapo-cururu), *Hyla faber* (sapo-martelo), *Proceratophrys boiei* (sapo-foi-não-foi), *Leptodactylus fuscus* (rã-assobiadora), entre outras.

A avifauna é o maior grupo de vertebrados terrestres representado na AID. Esse grupo é composto principalmente por espécies generalistas, comuns e de vasta distribuição geográfica no território nacional, consideradas sinântropas (Sick, 2001). Adaptam-se bem a ambientes alterados pelo homem, sendo que algumas delas são indicadoras de ambientes com forte grau de artificialização (Furness & Greenwood, 1994).

A AID encontra-se segmentada por duas Rodovias (Anhangüera e Bandeirantes), avenidas e bairros residenciais (Vila Maringá e Malota, entre outros).

As rodovias atuam como grandes barreiras físicas para a fauna silvestre, pois ao serem projetadas, não são consideradas as implantações de passagens seguras para os animais. Estas passagens podem ser previstas através da construção de túneis ou transposições aéreas, objetivando minimizar os impactos gerados, nas populações de animais silvestres, em função dos atropelamentos.

No período do estudo foram observados atropelamentos em dois dias diferentes, de duas espécies: *Didelphis albiventris* (gambá-de-orelhas-brancas) e *Dasypus novemcinctus* (tatu-

galinha). Não foi possível fotografar estes animais, em função do intenso tráfego. A rodovia Anhangüera (SP-330) apresenta um agravante, que é a mureta central que separa as duas pistas que secciona o fluxo da fauna.

Os estudos realizados até o momento, comprovaram que a AID abriga uma fauna representativa com média biodiversidade e consequentemente, com espécies de interesse para a conservação, por tratarem-se de grupos sujeitos a algum tipo de ameaça. A ocupação humana e a consequente destruição dos ecossistemas florestais, são os impactos mais presentes na AID.

7.3.7. Diagnóstico da Área Diretamente Afetada (ADA) – Fauna

7.3.7.1. Descrição Geral

Na Área Diretamente Afetada (ADA) existem três fragmentos florestais de vegetação secundária em estágio médio (Fm1, Fm2 e Fm3), alguns outros fragmentos de pequena dimensão de vegetação secundária em estágio inicial e agrupamentos arbóreos. Apesar destes fragmentos comportarem uma fauna de baixa diversidade, foi levantada na ADA uma espécie indicada na lista de extinção do Estado de São Paulo.

A ADA está inserida em uma região onde se observa o desenvolvimento urbano através de bairros consolidados, avenidas e empresas, entre outros. Está praticamente isolada em relação aos fragmentos de mata do entorno, em função das rodovias Anhangüera (SP-330) a nordeste, dos Bandeirantes (SP-348) a oeste, da Avenida Engº Tasso Pinheiro, ao sul e da Vila Maringá e da Avenida Clemente Rosa, ao norte. Este isolamento é um fator muito prejudicial à fauna silvestre. Outro grande problema é a divisa norte com o bairro Vila Maringá, pois a proximidade com a propriedade e a falta de isolamento (cercas) possibilitam a caça predatória pela população do entorno que adentra a área com certa frequência.

O município de Jundiá apresenta a Serra do Japi como seu grande patrimônio ambiental além de outros pequenos fragmentos florestais distribuídos pelo município. A ADA está situada próxima da Serra do Japi, tendo como barreira física a rodovia dos Bandeirantes (SP-348).

O isolamento de áreas como a da ADA, em função de rodovias, bairros, entre outros, resulta por causar a extinção de muitas espécies, pois este fator está diretamente relacionado à fragmentação das florestas, que além de diminuir as populações de espécies de plantas e animais mais vulneráveis, também isola aquelas espécies que permanecem nas “ilhas” remanescentes de florestas.

A partir do momento que a vegetação está fragmentada, vários processos ecológicos que envolvem a fauna e a flora são afetados: ocorre instabilidade de populações, comunidades e ecossistemas (Cairns, 1988); populações de algumas espécies podem aumentar, declinar ou serem eliminadas inteiramente, como consequência direta das mudanças do *habitat* (Lovejoy *et al.* 1986).

Este grau de isolamento e o tamanho dos fragmentos podem interferir na composição das comunidades, levando à extinção espécies de baixas densidades e espécies do topo da cadeia trófica, como por exemplo, os carnívoros. Deste modo, os estudos de viabilidade de

populações e monitoramento de reservas, devem ser feitos em espécies chaves com base em estudos de auto-ecologia e dinâmica entre fragmentos (Gilbert, 1980, Soulé, 1987). Considerando-se que mamíferos são bons indicadores do estado de conservação em que um sistema biológico se encontra (Soulé & Wilcox, 1980), monitoramentos contínuos das populações destas áreas tornam-se necessários para se avaliar os impactos das perturbações sobre a diversidade e abundância das espécies (Cerqueira *et al.*, 1995).

Dentre os vertebrados terrestres, as aves e os mamíferos são os grupos que mais contribuem para uma caracterização eficiente das condições ambientais de uma área pois, além de serem bastante diversificados nos seus hábitos e exigências ecológicas, a maioria são ativos durante todo o ano e podem ser registrados por métodos diretos ou indiretos, com relativa segurança.

Na ADA, o estudo da fauna silvestre teve os seguintes objetivos:

- Caracterizar a composição faunística. Esta composição foi realizada por meio de um inventário das comunidades de vertebrados (anfíbios, répteis, aves e mamíferos); e
- Identificar espécies da fauna silvestre com maior prioridade de conservação, principalmente as enquadradas nas listagens oficiais de extinção.

7.3.7.2. Procedimentos Metodológicos

Para iniciar os trabalhos de campo na ADA foi realizado amplo reconhecimento da área, para posterior detecção e identificação da fauna, que envolveram técnicas e procedimentos práticos durante as campanhas. Independentemente das técnicas utilizadas no campo, tais como: o uso de binóculos, espreita, levantamento por pontos, uso de adaptador fotográfico, entre outros, a detecção ocorreu de maneira direta, tanto visual como auditiva. Foi empregado o método de caminhamento que possibilita maior abrangência de área para a observação qualitativa das espécies e o método indireto, através da observação de vestígios, tais como: pegadas, penas, ninhos, tocas, pêlos, pelotas de regurgitação, restos alimentares e fezes.

Os estudos das observações e levantamentos de campo em trechos considerados ecologicamente sensíveis e de provável ocorrência de fauna silvestre, foram realizados nos *habitats* descritos a seguir:

- Vegetação secundária em estágio médio degradado de regeneração;
- Vegetação secundária em estágio inicial de regeneração;
- Vegetação secundária em estágio pioneiro/gramíneas;
- Agrupamentos arbóreos;
- Córregos;
- Área brejosa; e
- Áreas antrópicas (construções e estradas).

Todos os fragmentos florestais da ADA foram visitados para observações em diversos horários.

Para localização em planta, dos trechos de observação, foi utilizada principalmente foto aerofotogramétrica da empresa Base Aerofotogrametria e Projetos S/A, ano de 2005, escala original 1:25.000 e levantamento planialtimétrico indicando a locação dos fragmentos e demais fisionomias, visando identificar, qualificar e quantificar os principais *habitats* faunísticos oferecidos aos vertebrados terrestres.

As espécies foram identificadas em campo consultando-se, quando necessário, guias de campo de identificação geral da fauna silvestre, livros e cd's de identificação e de vocalização.

Para as espécies levantadas foram registrados os dados contidos na ficha de campo, cujo modelo encontra-se a seguir. Estes dados foram introduzidos em um banco de dados para realização das análises. A ficha de levantamento das espécies foi aplicada todas as vezes que se realizou o levantamento de campo na área estudada.

Quadro 7.3.7.2.1. - Modelo de Ficha de Levantamento de Espécies

LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES					
FICHA DE CAMPO Nº		LOCAL:		MUNICÍPIO:	
DATA: / /		HORÁRIO INICIAL: :		HORÁRIO FINAL: :	
RUIDOS DE FUNDO: nulo () fraco () forte ()					
Código para <i>Habitats</i> : Mata (M), Mata Ciliar (MC), Capoeira (C), Brejo, Banhados e Lagos (B), Plantações (PL), Jardins, Parques (J), Pastos (PA), Eucalipto, Pinheiro (E), Bambu (BB), Pomar (PO), Borda (BO)					
Família	Espécie Nome Popular	Espécie Nome Científico	nº de indivíduos	Habitat	Obs

Para a obtenção dos dados foram realizadas várias campanhas, cada uma delas com duração de três a cinco horas de observação, durante o período de março a maio/2007. As campanhas foram efetuadas nos períodos: matutino, vespertino e noturno.

Durante as campanhas de campo utilizou-se o adaptador fotográfico nas observações, sendo que o equipamento foi instalado na área de estudo em quatro pontos diferentes (P1, P2, P3 e P4), conforme se observa na figura a seguir, durante 26 dias, totalizando 624 horas. Foram utilizadas algumas iscas como: banana, mamão, goiaba, manga, abóbora e tipos de carnes (coração-carne de boi e sardinha em conserva), para que os resultados fossem maximizados.

Foram realizadas 17 vistorias em 17 dias de campo, contabilizando 75 horas de trabalho de levantamento de campo da fauna silvestre. Considerando as visitas de campo e as horas do adaptador fotográfico obtêm-se no total, 699 horas de observação.

A seguir, quadro indicando as campanhas de campo.

Quadro 7.3.7.2.2. - Controle das Campanhas de Campo

Março/2007					
Datas	26 (2ª f.)	29 (5ª f.)	31 (sábado)		
Horários	06:30 - 11:00	15:00 - 18:30	06:00 - 10:30		
Abril/2007					
Datas	04 (4ª f.)	09 (2ª f.)	10 (3ª f.)	13 (6ª f.)	
Horários	06:30 - 11:00	06:30 - 11:30	15:00 - 19:00	06:30 - 11:00	
Abril/2007					
Datas	18 (4ª f.)	21 (sábado)	25 (4ª f.)	30 (2ª f.)	
Horários	06:00 - 11:00	06:30 - 10:30	14:00 - 18:00	06:00 - 11:30	
Maio/2007					
Datas	02 (4ª f.)	05 (sábado)	07 (2ª f.)	10 (5ª f.)	11 (6ª f.)
Horários	15:30 - 19:30	06:30 - 11:00	15:00 - 19:00	06:30 - 11:30	06:00 - 11:00
Maio/2007					
Datas	21 (2ª f.)				
Horários	15:00 - 18:30				

a) Levantamento de Anfíbios

Foram explorados vários ambientes para o estudo dos anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) como: margens do córrego, vegetação marginal dos brejos, serapilheira e poças de água parada.

As identificações das espécies foram realizadas principalmente de maneira direta (visual e auditiva), através de observações em campo e registro das vocalizações comparadas com arquivos sonoros. O levantamento dos anfíbios foi realizado com maior frequência durante os períodos de chuvas.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição proposta por Faivovich *et alii* (2005), organizado por Segalla, M. (2005), pela Sociedade Brasileira de Herpetologia.

b) Levantamento de Répteis

O estudo de répteis em regiões florestais é dificultado pela baixa densidade de indivíduos, tendência umbrófila ou hábitos discretos de grande parte das espécies, vegetação densa e grande quantidade de serapilheira no solo, Duellman 1987.

O levantamento dos répteis foi realizado nos períodos mais quentes do dia. As identificações foram realizadas de maneira direta (visual), através de caminhadas, inspecionando-se os ambientes mais prováveis de localizá-los.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição organizada por Bérnills, R. S. (2005), pela Sociedade Brasileira de Herpetologia.

c) Levantamento de Aves

Em relação a avifauna, tida como excelente bioindicador, foram analisados os *habitats* locais e suas condições de suporte, bem como, realização de observações no local no período diurno em que as aves se encontram mais ativas, ou seja, nas primeiras horas

da manhã e/ou no final da tarde e visitas noturnas para abranger todas as famílias. Para tanto, utilizou-se a técnica de campo convencional, como: reconhecimento visual com auxílio de binóculos, identificação de vocalizações (cantos, pios, chamadas e gritos de alerta) e busca por vestígios ou evidências de ocorrência, tais como: penas, ninhos, ovos e pelotas de regurgitação. Os registros também foram feitos com mini-gravador e máquina fotográfica. Algumas espécies de aves foram fotografadas pelo adaptador fotográfico.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição proposta por Sick (2001).

d) Levantamentos de Mamíferos

Antigamente, as pesquisas e levantamentos faunísticos eram feitas apenas com base na coleta de pegadas e restos de alimentos. No entanto, estas técnicas indiretas de estudo nem sempre garantiram a identificação e a individualização segura do animal.

Com o uso de adaptador fotográfico automático ou armadilha fotográfica, estudos desta natureza, principalmente os que envolvem espécies de hábitos crepusculares e noturnos, e por isso de difícil observação, puderam ser otimizados, pois a obtenção da fotografia de um determinado animal pode representar uma observação direta, e até mesmo ser considerada como uma captura, ou seja, pode substituir métodos cuja aquisição dos resultados é difícil, demorada e estressante para o animal.

Como cada foto registra a data que o animal foi fotografado, há a possibilidade de se obter dados sobre padrões de movimento e frequência de uso das áreas. Estas informações contribuem de forma expressiva para o esclarecimento de alguns aspectos sobre a biologia e comportamento das espécies, especialmente daquelas ameaçadas de extinção (Cullen, 2000).

A Trapa-câmera foi a armadilha fotográfica automática utilizada, dotada de sensor infravermelho que detecta movimentos de animais num raio de até 6 m. Com funcionamento totalmente autônomo. É ideal para efetuar sensoriamento da fauna sem interferir nos hábitos e costumes dos animais e sem alterar seu meio-ambiente.

Características da Câmera

- Utiliza máquina fotográfica Canon BF-10 Date (com datador, flash e visor digital);
- Sensor de presença infravermelho, com alcance de 4 a 8 m;
- Totalmente controlada por micro-processador, com as funções programadas através de display de cristal líquido;
- Disparo da máquina fotográfica totalmente eletrônico, sem reles ou peças móveis;
- Liga/desliga interno, eletrônico, acionado magneticamente, sem chaves externas;
- Funcionamento inteiramente automático - basta instalar e ligar;